

## A criação de *Saúde em Debate*, revista do CEBES: narrando a própria história

*The creation of Saúde em Debate, journal of CEBES:  
telling its own story*

Silvia Helena Bastos de Paula <sup>1</sup>  
Rosa Maria Barros dos Santos <sup>2</sup>  
José Ruben de Alcântara Bonfim <sup>3</sup>  
Maria Lima Salum Moraes <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Enfermeira e Educadora; Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação de Coordenadoria de Controle de Doenças da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; pesquisadora científica do Instituto de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.  
silviabastos@isaude.sp.gov.br

<sup>2</sup> Médica sanitária; assistente técnico de Planejamento; Mestre em Saúde Pública pela Faculdade de Higiene de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP); assistente de coordenação da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.  
rosaqualis@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Médico sanitário; Mestre em Ciências com concentração em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação Coordenadoria de Controle de Doenças (PPG CCD) da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo; pesquisador do Instituto de Saúde de São Paulo.  
jrabonfim@isaude.sp.gov.br

<sup>4</sup> Psicóloga; Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP); pesquisadora do Instituto de Saúde de São Paulo.  
salum@isaude.sp.gov.br

**RESUMO** Este artigo trata de memórias da criação da revista *Saúde em Debate* no contexto das origens da Reforma Sanitária e foi elaborado com base em história oral sobre o surgimento do CEBES em São Paulo. O propósito é divulgar detalhes da mobilização que deu origem ao CEBES e à revista e a participação de sanitaristas de São Paulo nesse processo. Observou-se a influência de Virchow sobre David Capistrano da Costa Filho na criação da revista e a importância do curso de sanitaristas, criado por Walter Leser, que conceberam o CEBES e contribuíram na divulgação de idéias sobre a Reforma Sanitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória e políticas de saúde; Reforma sanitária; História oral.

**ABSTRACT** This paper discusses details of the Sanitary Reform concerning the creation of *Saúde em Debate*, a journal of the Brazilian Center of Health Studies (CEBES) in the state of São Paulo. The study was based on oral history with key informants involved in the foundation of both the magazine and the institution. The purpose is to show details of the mobilization, which gave life to CEBES, and the participation of public health doctors in this process. It is stated the influence of Virchow ideas over David Capistrano da Costa Filho in the creation of *Saúde em Debate*, and of a short course of public health doctors, created by Walter Leser, people who idealized CEBES and contributed to the Sanitary Reform.

**KEYWORDS:** Health policy and memory; Health care reform; Oral history.

## I N T R O D U Ç Ã O

Com a promulgação da Constituição de 1988 e a aprovação da Lei Orgânica da Saúde (8.080/90 e 8.142/90), foi criado o Sistema Único de Saúde (SUS), cujo princípio de universalidade e da saúde como direito constitucional constituíram uma vitória precedida por muitas lutas empreendidas pelo denominado movimento da Reforma Sanitária. Mesmo garantida na Constituição e na Lei Orgânica da Saúde (BRASIL, 1991), foram numerosos os entraves e desafios enfrentados e que perduram até os dias de hoje.

Com o SUS, ampliou-se a competência do Ministério da Saúde para formular a política nacional de saúde, a qual propôs planos regionais interinstitucionais para integrar atividades preventivas, de cura e reabilitação e adotou como propósito a integração das ações de saúde coletiva com a saúde individual nas três esferas de poder, com vistas na racionalidade dos investimentos em saúde, pois a Atenção Primária de Saúde (APS) era interpretada por alguns segmentos como assistência de baixo custo, destinada a grupos excluídos do processo de produção (MENDES, 1995).

O artigo trata da criação da revista, situando-a no contexto dos movimentos que deram origem à Reforma Sanitária. As memórias narradas são oriundas de uma pesquisa de história oral sobre a *Memória e História da Atenção Básica em São Paulo*, desenvolvida no Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, desde 2007, com o apoio do Ministério da Saúde e recursos do Projeto de Expansão e Consolidação da Estratégia Saúde da Família (PROESF).

Este artigo tem o propósito de contribuir para a preservação da Memória da Saúde e, por ocasião dos 20 anos do SUS, traz a lume fatos e interpretações quanto à

origem da revista *Saúde em Debate* e do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (CEBES), em 1976, com base em narrativas de alguns de seus fundadores sobre a relação da revista e do CEBES com a ampliação do movimento da Reforma Sanitária que influenciou na proposta do SUS, universal e equânime, inscrito na Constituição Federal de 1988.

## MÉTODOS

O método adotado foi o da história oral. A história oral é uma tradição que ganhou impulso na Itália com a experiência de criação de centros de estudos sobre a atuação de guerrilheiros antifascistas na Segunda Guerra Mundial.

O termo amplo 'história oral' recupera fatos e vivências ainda não registrados por outros tipos de documentos, ou quando se quer completá-los, e tem a função de registrar relatos, divulgar experiências relevantes e estabelecer vínculos com o imediato urbano (MEIHY, 1998). Embora seja o pesquisador quem escolhe o tema, formula as questões ou esboça o roteiro temático, é o narrador quem decide o que vai comunicar (QUEIROZ, 1998).

Ainda segundo Queiroz, a história oral, uma vez transcrita, produz um documento sobre o qual o cientista social pode se debruçar para análise e interpretação valiosa justamente no ponto em que se cruzam a vida individual e o contexto social. A narrativa oral tem limites quanto ao processo de recuperação de memórias, pois traz em si subjetividades de cada narrador, de diversos indivíduos sobre uma mesma experiência ou sobre uma época a partir das quais se identificarão convergências.

Para este artigo, fez-se seleção de material coletado em duas das 20 entrevistas realizadas para a pesquisa *Memória e História da Atenção Básica de São Paulo* (MOTT;

TRENCH, 2007; FABERGÉ; MORAIS; MOTT, 2007). As entrevistas semiestruturadas foram feitas por meio de roteiro, com o uso de um gravador. Para definição dos entrevistados, consideraram-se profissionais citados na literatura sobre o movimento da Reforma Sanitária e da Atenção Básica e a indicação deles de outros nomes considerados relevantes para o processo no Estado de São Paulo.

Os depoimentos foram obtidos em 2007 na cidade de São Paulo e suas falas foram gravadas e transcritas seguindo-se o modelo proposto pelo Centro de Documentação e Informação Científica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (CEDIC-PUC/SP), sob a assinatura prévia de autorização em termo de consentimento livre e esclarecido (MOTT; TRENCH, 2007).

Para aprofundar aspectos relativos à criação e importância do CEBES e da revista *Saúde em Debate*, procurou-se nos depoimentos os termos *Saúde em Debate*, CEBES e Reforma Sanitária. Assim, selecionaram-se as entrevistas de dois sanitaristas entre os 20 pesquisados, cujas narrativas e trajetórias profissionais e pessoais estiveram ligadas ao processo de discussão e ao desfecho da criação da revista *Saúde em Debate* e do CEBES.

As entrevistas selecionadas foram relidas em conjunto com seus autores quando fizeram acréscimos de detalhes sobre a criação da revista *Saúde em Debate* e do CEBES. O material revisto foi cotejado com dados de pesquisa bibliográfica sobre a Reforma Sanitária e origem do CEBES.

## RESULTADOS

Os relatos de história oral são de dois médicos sanitaristas, com atuação junto do movimento da Reforma Sanitária e na fundação do CEBES.

### *Articulações do movimento da Reforma Sanitária*

A discussão sobre a relação entre medicina e sociedade foi intensificada desde o Seminário sobre o ensino de medicina preventiva em Viña del Mar (1955), realizado pela Organização Pan-Americana da Saúde. No Estado de São Paulo, o novo modelo de Medicina Social surgiu no início da década de 1970. A UNICAMP, pelo Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas, estabeleceu com a Prefeitura Municipal de Paulínia, com apoio da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, um Programa Universitário de Saúde da Comunidade, com criação de alternativas para a atenção comunitária e medicina preventiva (AROUCA, 2003).

De acordo com a médica sanitarista Rosa Barros (2007):

*No início dos anos 1970 havia discussão sobre a saúde no Partido Comunista Brasileiro, já um tanto amadurecida, exigindo das lideranças partidárias uma posição incisiva sobre a atenção à saúde da população. Vindo do Rio de Janeiro, David Capistrano da Costa Filho [1948-2000], um jovem pediatra, procurou formação na especialidade sanitarista com Sergio Arouca, então professor de Medicina Preventiva e Social na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Campinas (UNICAMP) e coordenador de um Projeto docente-assistencial, no município de Paulínia, base de apoio aos residentes da cadeira de medicina preventiva. David Capistrano, José Ruben de Alcântara Bonfim, José Augusto Cabral de Barros, Roseli Ziller de Araújo (residentes em 1974) e Francisco Campos (residente em 1975) e outros residentes com os quais fiz amizade, levaram-me, como sextanista de medicina, a participar de inúmeras rodas de discussões, na UNICAMP, tendo o próprio Arouca como um dos grandes problematizadores do debate sobre saúde no Brasil. (BARROS, 2007).*

José Ruben Bonfim (2007), referindo-se ao mesmo período, atesta que:

*O Departamento contava além do Arouca, com Ana Maria Tambellini Arouca, Joaquim Alberto Cardoso*

*de Mello, Célia Leitão Ramos, Francisco Viacava, Everardo Duarte Nunes, Ana Maria Canesqui e tantos outros pensadores que influíram nesta geração de jovens médicos.* (BONFIM, 2007).

Sobre as idéias e inquietações que alimentavam os debates daquele momento e sobre as iniciativas da Secretaria de Saúde de São Paulo, Barros (2007) e Bonfim (2007) comentam:

*Discutia-se o próprio conceito de saúde e o processo saúde-doença, considerando-se o papel dos determinantes sociais na sua gênese. O primeiro dos catorze Cursos de Especialização em Saúde Pública para Médicos de Nível Local, realizado de abril a julho de 1976, na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP), chamado de 'Curso Curto', pois era semestral, foi criado para preparar jovens profissionais capazes de ocupar cargos nos centros e distritos de saúde, renovando assim a saúde pública de São Paulo.* (BONFIM, 2007).

*Quando iniciamos os trabalhos como médicos sanitários da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES/SP), apenas os trabalhadores com carteira assinada faziam jus aos serviços médicos na previdência social. [...] Os assim chamados indigentes, que constituíam cerca de 30% da população, esse contingente populacional era atendido nos Postos de Saúde das Prefeituras, nos Centros de Saúde (CS) estaduais ou nas Santas Casas.* (BARROS, 2007).

*A organização do serviço de saúde nos CS se fazia por programas com ações dirigidas ao grupo materno-infantil, controle da tuberculose, da hanseníase; desenvolvíamos também ações de Vigilância Epidemiológica, com equipes que realizavam trabalho de campo. Se algum paciente necessitava de uma internação de urgência, um especialista ou cirurgia eletiva, eles teriam que buscar uma Santa Casa, um serviço que fosse gratuito e que atendesse indigentes. Era essa a situação aos nos formarmos como médica sanitária na segunda metade da década de 1970.* (BARROS, 2007).

*No Rio de Janeiro, também outros sanitaristas de diversas origens partidárias discutiam a injustiça do sistema de saúde. [...] Os jornais estampavam mortes de indigentes na porta de pronto-socorros e de hospitais públicos, com frequência, provocando a indignação de todos.* (BARROS, 2007).

Em 1975, deu-se o episódio no qual Sergio Arouca foi impedido de atuar no Departamento de Medicina Preventiva e Social da UNICAMP (ABREU; FRANCO NETTO, s/d) e os residentes do segundo ano que atuavam no Projeto Paulínia foram pressionados a se enquadrarem no modelo clássico de clínica preventiva, segundo Bonfim (2007):

*Cada um foi para um lado, por arbitrio de reitor Zeferino Vaz (1908-1988). Assim o Arouca foi para a FIOCRUZ, com boa parte da equipe de professores, e os residentes de segundo ano foram acolhidos no Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, como mestrandos, por Guilherme Rodrigues da Silva (1928-2006) e por Maria Cecília Ferro Donnangelo (1940-1983).*

Escorel (1998) afirma que, em Brasília, na 28ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em junho de 1976, a comunidade científica ali representada repudiava os valores do Estado autoritário e impedia o retorno aos quadros universitários dos professores expurgados pelo regime. Entre outras temáticas, discutiu-se a formação de uma entidade aglutinadora do novo pensamento em saúde, à semelhança das demais associações e sociedades da SBPC.

#### *Criação da revista Saúde em Debate e do CEBES*

Sobre a criação da revista *Saúde em Debate* e do CEBES, a pesquisa sobre a *Memória e História da Atenção Básica de São Paulo* acrescenta detalhes à entrevista concedida por Sergio Arouca a Sarah Escorel (1998), na qual ele comenta:

*simultaneamente, que a SBPC era o grande espaço de debate político e que para trabalhar nela a gente precisava de uma entidade [...] era fundamental ter uma instituição que começasse de uma forma ampliada um debate das questões políticas de área da saúde. [...] Já na assembleia final da SBPC começamos a colocar a questão da política da saúde. É a partir disso que, principalmente, o grupo de São Paulo, faz a proposta de criação do CEBES. (AROUCA, 1986 apud ESCOREL, 1998, p. 75).*

O grupo de São Paulo, segundo Bonfim (2007), também um dos fundadores do CEBES, e seu primeiro presidente, tinha a liderança inequívoca de David Capistrano da Costa Filho. O entrevistado tem a convicção de que:

*a idéia da criação da revista Saúde em Debate precedeu à própria realização do Curso de Sanitaristas (de acordo com entrevista feita por ele em 16 de janeiro de 2001, com Sergio Gomes, talvez o maior amigo de David Capistrano da Costa Filho), pois em 1975 quando David conheceu Kurt Kloetzel (1923-2007), então professor da Faculdade de Medicina de Jundiaí, teve acesso a uma cópia da revista alemã Reforma Médica (Medizinische Reform) fundada em 1848 por Rudolf Virchow (1821-1902) e isso certamente o inspirou, como revelou Sergio Gomes na entrevista. (BONFIM, 2007).*

Na revista *Reforma Médica*, ainda segundo Bonfim (2007):

*discutiam-se os grandes temas médico-sociais, sem qualquer determinismo biológico, e David queria fazer o mesmo 128 anos depois. Saúde em Debate foi concebida para transformar-se em um veículo de difusão das novas idéias sobre saúde.*

Rosa Barros confirma que na criação da revista *Saúde em Debate*:

*assistimos à articulação dos colegas, liderados por David Capistrano da Costa Filho, em torno da*

*idéia de criar uma revista que discutisse a temática Saúde e Democracia, traçando um caminho para novas conquistas sociais. [...] O CEBES na verdade era a parte visível, era a parte que podia ser mostrada, mas por trás existiam as reuniões, as discussões dos sanitaristas para conquistar os sindicatos, existiam reuniões, e tinha esse grupo de sanitaristas que regularmente se encontrava num bar-restaurant na Capote Valente com a Teodoro Sampaio, onde ainda hoje é o Degas, quase toda noite; também todas as sextas-feiras esse grupo de sanitaristas se reunia para discutir quais deveriam ser os encaminhamentos para assegurar essa reforma sanitária. (BARROS, 2007).*

Era um tempo de repressão política e David Capistrano sabia que era vigiado pelo regime militar em razão de sua história familiar, filho de militante comunista (David Capistrano da Costa) desaparecido em 1974, e da sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro, mas mesmo assim não esmorecia. Barros (2007) lembra que:

*Numa madrugada muito especial já quase final de ano [outubro] de 1976, David não conseguia dormir, não conseguia conter a sua enorme ansiedade. É que logo ali, bem próximo do lugar onde morávamos, estava no prelo o 1º número da revista Saúde em Debate, em uma gráfica na Arthur de Azevedo, 1436, próximo à Joaquim Antunes, uma transversal da Teodoro Sampaio, onde também ficava o nosso apartamento. Enfrentamos o frio da madrugada e o perigoso deserto das ruas, num período em que o David sabia ser vigiado, e assim mesmo fomos a pé até a gráfica, em pleno processo de impressão da revista. Ao ter em suas mãos o primeiro exemplar daquela realização, David, muito emocionado, me falou: 'Rosa, você sabe o que isso significa? Você sabe por que eu tinha que vir agora? Esta revista é a nossa primeira vitória! Ela vai provocar grandes transformações!'*

*O aspecto da prova da revista era horrível, um tipo de papel craft escuro e áspero, com letras borradas, todas pretas, escrito 'Saúde em Debate' e uma gravura com uma enorme boca garfando cédulas onde se podia ler INPS [Instituto Nacional da Previdência Social].*

*No dia seguinte, na Faculdade de Saúde Pública da USP, David orgulhosamente apresentou a revista para todos. Os futuros sanitaristas, como Emerson Elias Merhy, Albano da Rocha Franca Sobrinho, Augusto Celso Brandão, José Ruben de Alcântara Bonfim, José Augusto Cabral de Barros, Dalmo Feitosa, Lídia Silveira, Célia Medina, Sônia Terra e eu, compartilhamos intensamente aquele momento. A reação dos colegas foi de muita vibração por esta conquista. E David era, sem dúvida, de todos nós, o mais feliz.* (BARROS, 2007).

Quanto à importância do CEBES no movimento da Reforma Sanitária, Fleury (1997) afirma que o debate desenvolvido na entidade foi importante por contestar a concepção de saúde restrita à dimensão biológica e individual, além de apontar diversas relações entre a organização dos serviços de saúde e a estrutura social.

#### *A difusão da revista: mais um desafio para os sanitaristas*

Uma vez concebida a revista, era necessário dotá-la de infraestrutura para que houvesse apoio para sua continuidade e distribuição. Bonfim (2007) explica essa relação e trata, ainda, de iniciativas para compor a estratégia de difusão das idéias que contribuíram no processo de Reforma Sanitária:

*A revista necessitava de um vínculo institucional para ser editada e foi criado concomitantemente o CEBES; isto ocorreu pouco mais de um ano depois da 'implosão' da residência em Medicina Preventiva na UNICAMP em 1975; mesmo diante desses desafios eu, Emerson Elias Merhy e David Capistrano, e muitos outros colegas lançamos o CEBES e a revista Saúde em Debate em 4 de novembro de 1976, em solenidade no Teatro Paulo Eiró, em São Paulo – e no ano seguinte se constituiu também com a Editora HUCITEC (Humanismo, Ciência e Tecnologia) uma linha de edição de livros, a Coleção Saúde em Debate. O primeiro volume foi Saúde e Assistên-*

*cia Médica no Brasil, de Carlos Gentile de Mello (1920-1982), o segundo, a edição ampliada de Ensaios Médico-Sociais de Samuel Barnsley Pessoa (1896-1976); em 1978 lançou-se, com a presença do autor, Giovanni Berlinguer, Medicina e Política.* (BONFIM, 2007).

Barros (2007) acrescenta que a divulgação da revista começou logo após de seu lançamento; havia um clima de entusiasmo e urgência em divulgar idéias e promover mudanças.

*Lembro-me que fui ao Ceará e coube a outros colegas ir ao Paraná, Rio Grande do Sul e Bahia. A divulgação da revista era feita por meio de reuniões com médicos e estudantes de medicina, em várias universidades do país. Houve adesão em massa às idéias veiculadas. A aceitação do público foi muito boa e cresceu entre nós a convicção de que algo de novo acontecia no cenário brasileiro.* (BARROS, 2007).

Tal iniciativa precisava garantir sua continuidade. Segundo Bonfim (2007):

*para custear a revista fazia-se venda de assinaturas mão a mão, e os recursos arrecadados eram organizados pela tesoureira, a médica sanitaria, também do primeiro curso, Hitomi Hayashida, hoje na Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo.* (BONFIM, 2007).

Fizeram parte do Conselho Editorial do primeiro número da revista *Saúde em Debate*: Emerson Elias Mehry, Ana Maria Segall Correa, Dalmo Herrera Feitosa, David Capistrano da Costa Filho, Sandra Roncali Mafezulli, Aguinaldo Gonçalves e Mirian Ibañez (jornalista).

Referindo-se ao expediente da revista, Bonfim (2007) comenta que:

*este não reflete o grande número de colaboradores que o projeto teve, muitos deles colegas do primeiro e do segundo curso, professores da Faculdade de Saúde Pública e sanitaristas que tinham ingressado antes na*

*carreira como Pedro Dimitrov<sup>1</sup>, que também contribuiu com o projeto da revista.*

Essa afirmação reflete o clima de intensa militância pelas idéias de renovação na saúde e luta democrática. Assim, o CEBES oscilava entre esses pólos em suas edições e, já no número três, apresentava uma lista de representantes estaduais em dezesseis estados, com um total de 33 representantes.

### *A concepção da Saúde em Debate nº 1*

O tema da capa do seu primeiro número foi criação da ilustradora Conceição Cahú, (grande caricaturista morta em dezembro de 2006) e trazia charge crítica ao Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) e à seguridade social no Brasil. O exemplar tinha 74 páginas e no seu editorial fez alusão, em nota de rodapé, à morte de Samuel Pessoa no fechamento da edição.

O foco do editorial foi a divulgação do pensamento social em saúde, justificando sua criação pela falta de opção que reunisse o pensamento dos intelectuais da saúde, e referindo-se à intenção de inicialmente reeditar a *Revista Brasileira de Medicina Pública*, da década de 1940, mas por causa da extensão nacional da discussão sobre saúde, terem-se criado a revista *Saúde em Debate* e o CEBES. Na revista, há o convite para sócios cotistas, todos assinantes da revista e, no edital, há ainda o espaço para adesão de outros profissionais que, mesmo atuando em outras áreas, se interessassem em discutir os problemas do setor saúde.

A revista divulga os treze primeiros artigos recebidos nas seguintes áreas: atenção médica, planejamento em saúde, medicina de comunidade, educação sanitária, medicina preventiva, nutrição e aprendizagem

e ensino médico. Foram pioneiros nesse número os autores: Jairnilson Paim, Joaquim Alberto Cardoso de Melo, Antonio Sergio da Silva Arouca, Ana Maria Tambellini Arouca, Carlos Gentile de Mello, Marília Bernardes Marques, Mário Testa, Sebastião Loureiro, Yvonne Gonçalves Khouri, Aloysio Amâncio e Antonio Augusto Quadra, Stela Maris Garcia Loureiro e James Mauricio dos Santos, Liana Melo Bastos Daher, Hélio Maciel, Luiz Eduardo Soares, Orestes Quércia e Sandra Roncali Mafezulli, oradora da primeira turma de sanitaristas do 'curso curto'.

A revista, aos 32 anos (FLEURY; BAHIA; AMARANTE, 2007), reeditou uma coletânea de artigos de todo esse período que permanecem atuais e podem ser qualificados como clássicos do pensamento sanitário brasileiro.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, 20 anos depois da aprovação constitucional da saúde como direito do povo e dever do Estado e da criação do SUS, é importante recuperar, para as gerações futuras, os meandros do movimento sanitário que criou a revista *Saúde em Debate* e, concomitantemente o CEBES.

Conhecer sua própria história é um direito. O passado é parte da identidade de um povo e do presente das pessoas. Assim, a história oral implica um processo que, como tal, não está acabado. Necessita-se de mais pesquisas para se ampliar o conhecimento sobre nossa história. Ainda que seja útil para manter viva a memória da sociedade, é necessário aprofundar e complementar as informações com pesquisas ampliadas e diversificadas quanto às fontes de dados.

<sup>1</sup> Médico Professor da Faculdade de Saúde Pública da USP e ex-Secretário Adjunto de Saúde da cidade de São Paulo na Administração Luiza Erundina (1989-1992).

## REFERÊNCIAS

---

ABREU, R.; FRANCO NETTO, G. (Coord.) *Arouca em Campinas: os caminhos possíveis* (1967-1975). Rio de Janeiro: UFRJ. [Online]. Disponível em: <http://www.memoriasocial.pro.br/linhas/arouca/fases.htm>. Acesso em: 22 jan. 2009.

AROUCA, A.S.S. *O dilema preventivista: contribuição para a compreensão e crítica da medicina preventiva*. São Paulo/Rio de Janeiro: UNESP/FIOCRUZ, 2003.

BARROS, R.M. *Entrevista concedida ao Projeto Memória e a História da Atenção Básica em São Paulo em abril de 2007*. São Paulo, 2007. (Transcrição não editada)

BONFIM, J.R.A. *Entrevista concedida ao Projeto Memória e a História da Atenção Básica em São Paulo em abril de 2007*. São Paulo, 2007. (Transcrição não editada)

BRASIL. Ministério da Saúde. *Lei 8.080 de setembro de 1990*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1991.

ESCOREL, S. *Reviravolta na saúde: origem e articulação do movimento sanitário*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

FABERGÉ, O.; MORAIS, M.L.S.; MOTT, M.L.B. *Narrativas de vivências em Políticas Públicas no Estado de São Paulo*. 2007. [Online]. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Olga%20Alves;%20Maria%20Morais%20e%20Maria%20Mott.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2009.

FLEURY, S. (Org.). *Saúde e democracia: a luta do CEBES*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

FLEURY, S.; BAHIA, L.; AMARANTE, P. (Org.). *Saúde em Debate: fundamentos da Reforma Sanitária*. Rio de Janeiro: CEBES, 2007.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MENDES, E.V. *Distrito sanitário*. São Paulo: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

MOTT, M.L.; TRENCH, B. *Memória e a história da atenção básica em São Paulo: resumo do projeto*. São Paulo: Instituto de Saúde, Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, 2007.

QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O.M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice, 1998. p. 14-43.

Recebido: Outubro/2008  
Aprovado: Dezembro/2008